

**Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Núcleo de Cultura Clássica - DLE
Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLetras**

XXVIII Semana de Estudos Clássicos

O Feio e o Torpe na Antiguidade e
sua Recepção

20 a 25 de junho de 2016



Inscrições

• COM APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

Período

De 18 de abril a 31 de maio de 2016.

Inscrições prorrogadas até o dia 05 de junho de 2016.

Modalidades

Comunicação

Enviar o texto completo (máximo de oito páginas, escrito em Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas de 1,5) acompanhado de resumo (de no máximo 200 palavras) e de currículo resumido para o e-mail sec.nuclas.ufc@gmail.com.

Pôster

Enviar estruturação do banner (deve conter seções que se desdobrem como uma página da Internet), acompanhado de resumo (de no máximo 200 palavras) e de currículo resumido para o e-mail do evento.

Esquete

Enviar roteiro da peça trágica ou cômica do teatro clássico ou da sua recepção, em que se evidencie o diálogo entre as festividades dionisíacas e juninas, acompanhado do resumo (de no máximo 200 palavras) e de currículo resumido do grupo teatral para o e-mail do evento.

Taxa de inscrição

R\$ 40,00 (quarenta reais) – a ser paga após o aceite do trabalho e no máximo até o dia 17 de junho de 2016 na sala do NUCLAS, no DLE da UFC.

Aceites

O resultado de sua inscrição deve ser divulgado até o dia 06 de junho de 2016.

O resultado da sua inscrição deve ser divulgado até o dia 10 de junho de 2016.

• SEM APRESENTAÇÃO DE TRABALHO:

Período

De 18 de abril a 17 de junho de 2016 na Secretaria do Departamento de Letras Estrangeiras.

No dia 20 de junho de 2016 no local de credenciamento do evento.

Taxa de inscrição

R\$ 20,00 (vinte reais) – a ser paga no ato do credenciamento no primeiro dia do evento, no dia 20/06/2016.

PROGRAMAÇÃO

Dia 20 de junho (segunda-feira)
Sala Interarte do Centro de Humanidades

13h- Credenciamento

14h Solenidade de Abertura

Eleazar Magalhães Teixeira (UFC/UECE)

Prof. Fundador do Núcleo de Cultura Clássica da UFC

14h30 – Conferência de Abertura

Conferencista: Konstantinos P. Nikoloutsos (Saint Joseph’s University)

“Hideous Creatures Made Icons: Versace’s Medusa and the Starbucks Siren”

The paper explores the process whereby Medusa and the Sirens, archetypal figures of deformity and horror in classical myth, become iconic and are placed at the service of modern commercial gain. I shall argue that the plasticity and manipulability that characterize contemporary appropriations of Medusa and the Sirens in the realm of marketing finds a parallel in the rhetorical and aesthetic fluctuation of these legendary creatures between the hideous and the alluring in ancient textual and visual discourses.

Konstantinos P. Nikoloutsos is Associate Professor of Classics at Saint Joseph’s University (Philadelphia, USA). He has published extensively in the fields of Roman elegy and classical reception, with an emphasis on cinema and theater. He is the editor of *Ancient Greek Women in Film* (Oxford University Press, 2013) and *Reception of Greek and Roman Drama in Latin America* (special issue of *Romance Quarterly* 59.1: 2012), and co-editor of *Classical Tradition in Brazil: Translation, Rewriting, and Reception* (*New Voices in Classical Reception Studies: Conference Proceedings Series*, 2: 2016). His honors include the 2008 Paul Rehak Prize from the Lambda Classical Caucus and the 2012-13 Loeb Classical Library Foundation Fellowship from Harvard University.

Coordenador: Robert de Brose (UFC)

16h às 18h - Mesa-Redonda: “A composição do feio e do torpe”

Hugo Filgueiras de Araújo (UFC)

Hefesto: o deus feio, que produz beleza

Hefesto dentre os deuses olímpianos foge à regra da beleza divina, atributo de todos os deuses gregos. Ele é considerado feio, por ser coxo, e na mitologia é

motivo de riso e escárnio. Contudo, ele é o deus que armou todos os outros deuses e heróis da mitologia, assim como foi o patrono dos artesãos, escultores, escritores e arquitetos. Apresentaremos Hefesto como o deus feio que detinha a arte de criar e inspirar a produção de coisas belas.

Hugo Filgueiras de Araújo. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2012). Atualmente está fazendo Pós-doutorado na Universidade de Atenas, na Grécia. Ele é parte do corpo docente do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará e coordenador do Laboratório de Filosofia Antiga da UFC. Atua na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia Antiga e Antropologia, nos temas: alma, corpo, Platão e Mistérios Iniciáticos na Cultura Grega Antiga.

Liebert de Abreu Muniz (UNICAMP)

Cenas de restauração: a grotesca imagem da *bugonia* nas *Geórgicas* 4.281-314

As *Geórgicas* de Virgílio, em 4.281-314 – versos centrais que funcionam como um verdadeiro eixo entre a primeira e a segunda metade do livro 4 e entre duas importantes digressões, a do velho de Tarento (4.125-48, *Corycius Senex*) e a do *epyllion* de Orfeu e Eurídice (4.315-558) –, descrevem um método ficcional, que vagava pelo imaginário dos antigos (cf. Varrão, *RR* 2.5.5; 3.16.4), para a restauração de um enxame perdido, a saber, o rito brutal da *bugonia*, literalmente “o nascimento a partir de um boi morto”. Nesse rito, a carcaça putrefata de um animal serviria para dar origem a um novo enxame de abelhas. A descrição, problemática pela perspectiva de sua aplicabilidade, pode ser lida como uma cena de restauração, na qual se representa a (re)estruturação social da Roma de meados do séc. I a.C.

Liebert de Abreu Muniz. Graduação em Letras pela UFC (2009). Mestrado em Letras pela UFC (2012), na área de Literatura Clássica, com pesquisa sobre os gêneros literários nas *Geórgicas* de Virgílio. Atualmente, doutorando em Linguística pelo IEL/UNICAMP, na área de Estudos Clássicos, com pesquisa sobre o discurso literário no mesmo poema virgiliano.

Geraldo Augusto Fernandes (UFC) – Coordenador

Uma dama em que “tudo é cu e mamas e barriga”

Nessa XXVIII Semana de Estudos Clássicos, o tema “O feio e o torpe na Antiguidade e suas recepções” abre caminho para que, através das recepções, o tema possa ser visitado em sua abrangência por outras estéticas literárias após a Antiguidade clássica. No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, de 1516, encontram-se inúmeros poemas que remetem à Antiguidade, mas também inúmeros poemas em que o feio e o torpe se revelam. É o caso do poema de Diogo Fogaça, uma cantiga em que o poeta se dirige a uma “dama muito gorda” que se encostou nele e ambos caíram. Denegrindo a dama, Fogaça diz a ela que, nela, “tudo é cu e mamas e barriga.”

Geraldo Augusto Fernandes frequentou o Mestrado e o Doutorado na Universidade de São Paulo, estudando e pesquisando o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, de 1516, ainda objeto de sua pesquisa. Na Universidade Federal do Ceará, é professor adjunto de Literatura Portuguesa. É Diretor de Comunicação Social da ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais.

Dia 21 de junho (terça-feira)
Auditório José Albano – Centro de Humanidades

10h às 12h – MINICURSO: ALFABETO SÂNSCRITO

Paulo Cesar de Góes Barros

6 horas/aula

Dias 21, 23 e 24 de junho, das 10h às 12h

Programa:

1. Revisão de fonética e fonologia;
2. A organização científica do DEVANAGARI e a ordem dos dicionários de Sânscrito;
3. Elementos do alfabeto devanagari;
4. as treze vogais iniciais e mediais;
5. Os grupos consonantais e as ligaduras (SAMYOGA);
6. Exemplo de MANTRA.

Paulo Cesar de Góes Barros é graduado em Letras/alemão pela UFC (2010). No início da década de 90 concluiu o Curso Elementar e Básico de Extensão em Sânscrito, com a duração de sete semestres, ministrado pelo eminente linguista e então professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFC, José Rebouças Macambira. Na Alemanha, onde morou por dez anos (1994-2004), realizou estudos em francês e inglês na Fachhochschule-Köln. É também músico e professor de violão clássico.

Pré-requisito para o minicurso: conhecimentos básicos de fonética e fonologia são bem-vindos.

14 às 16h - Sessões de comunicações livres e coordenadas

16 às 18h - Sessões de comunicações livres e coordenadas

Dia 22 de junho (quarta-feira)

Sala Interarte do Centro de Humanidades

10h às 12h – Sessão de comunicações

14h –16h Mesa-Redonda: “ Retórica e poética do feio e do torpe”

Adriano Scatolin (USP)

Cícero, os feios e os torpes

Uma das características mais marcantes da invectiva entre os romanos, de maneira geral, e na oratória de Cícero, em particular, é o uso legítimo de destruição da imagem do adversário fazendo uso de categorias como aparência física e conduta moral que, a nossos olhos modernos, soam ultrajantes, escandalosas e mesmo criminosas. Esta palestra abordará o uso de tais estratégias na obra oratória de Cícero.

Adriano Scatolin. Formado em Latim pela Universidade de São Paulo, comecei minhas pesquisas acadêmicas em 1997, quando obtive uma bolsa para estudar e traduzir a obra *De Satyrica Graecorum poësi et Romanorum satira* (1605), do erudito suíço Isaac Casaubon. Levei o mesmo tema para o mestrado, que concluí em 2003. No doutorado, concluído em 2009, dediquei ao estudo e tradução do *De oratore* (55 a.C.), de Cícero. Atualmente, dedico à elaboração da primeira tradução completa em português desta última obra.

Brunno V. G. Vieira (UNESP/Pós-Doc. UNICAMP)

A poética do terror em Lucano: o episódio da bruxa Ericto (6, 413-830)

Chama-se Ericto uma bruxa da Tessália, cujas práticas mágicas, sangrentas e impiedosas, desafiam o entendimento do narrador da Farsália e vêm apavorando leitores da obra até os dias de hoje. Nesta fala, proporei uma análise dos recursos poéticos utilizados por Lucano na construção desse episódio, a fim de procurar desvendar no microcosmo dos seus hexâmetros o que denomino “poética do terror” na Farsália. A partir dessas considerações, apresentarei a tradução decassilábica de José Feliciano de Castilho ao texto, publicada no Diário do Rio de Janeiro em 1864.

Brunno V. G. Vieira é professor de Língua e Literatura Latina na UNESP e atualmente faz estágio de Pós-Doutorado na UNICAMP. Traduziu os cinco primeiros cantos da Farsália de Lucano (Editora da Unicamp, 2011) e poemas de Ovídio, Horácio e Fedro. Colaborou nas anotações das Bucólicas de Odorico

Mendes (Ateliê, 2008) e co-organizou os livros Permanência Clássica (com M. Thamos, Escrituras, 2011) e Acervos especiais: memórias e diálogos (com A. P. Meneses, Cultura Acadêmica, 2015).

Francisco Edi de Oliveira Sousa (UFC) – Coordenador

Turpis amor em Propércio: elegia e filosofia moral

Este trabalho discute a qualificação de *turpis* atribuída à elegia amorosa na poesia de Sexto Propércio (c. 50-15 a.C.), e essa discussão pauta-se por reflexões de filosofia moral interessadas na oposição entre *turpe* e *honestum*. Por um prisma moral, a elegia amorosa seria *turpis*. Em seus quatro livros de elegias, Propércio pratica a elegia amorosa nos dois primeiros; no terceiro, sugere uma tentativa de libertação da temática amorosa, o que se consolidaria no quarto livro. Nessa tentativa, o poeta emprega uma estratégia de retomada e recusa de caracterizações anteriores da elegia amorosa, procedimento que evidencia uma consideração moral atrelada ao termo *turpis* e a outros debatidos pela filosofia, como *honestus* e *dolor*, e que evoca Lucrécio, Cícero e uma terapêutica filosófica.

Francisco Edi de Oliveira Sousa, professor de língua e literatura latina na Universidade Federal do Ceará; possui graduação (1997) e mestrado (2001) em Letras pela Universidade Federal do Ceará, doutorado (2008) em regime de cotutela pela Universidade de São Paulo e pela Sorbonne (Paris IV), pós-doutorado (2013) pela Sorbonne (Paris IV); pesquisa especialmente a épica greco-romana (e sua relação com outros gêneros poéticos), poesia e retórica, poesia e filosofia.

16h –18h Mesa-Redonda “Narrativas e corpos grotescos”

Orlando Luiz de Araújo (UFC)

Quem “deseja” o feio bonito lhe parece: incesto e necrofilia em *Dos amores apaixonados*, de Partênio de Niceia

Pretendemos analisar, a partir das histórias de Hiparino e de Temóteo, em *Dos amores apaixonados*, de Partênio de Niceia, o tema da necrofilia e do incesto em sua relação com o desejo pelo insólito, bem como sua atração pelo que é, por definição, um tabu na maioria das sociedades.

Orlando Luiz de Araújo é Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará onde atua na graduação em Letras, Filosofia e Teatro, e no Programa de Pós-Graduação em Letras, Literatura Comparada, e na Pós-Graduação em Estudos da Tradução|POET. Realiza, atualmente, um Pós-Doutorado com bolsa CAPES

(Processo Nº 99999.000773/2015-08) no Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o projeto intitulado *Dos Amores Apaixonados*, de Partênio de Niceia: Tradução, Alusão e Diálogos de Gêneros.

João Batista Costa Gonçalves (POSA-UECE/PPGL-UFC)

A estética do corpo grotesco na teoria Bakhtiniana: a representação da imagem do Cristo crucificado conforme os evangelhos canônicos

Proponho-me, nesta palestra, a tomar como base a discussão de Mikhail Bakhtin (1965/2008) sobre o corpo grotesco, a fim de refletir sobre como o teórico russo constrói este conceito a partir da análise da obra rabelaisiana e, em seguida, mostrar como a noção de corpo grotesco pode ser ampliada para dar conta de explicar as representações da imagem do corpo de Cristo crucificado tal como representado nos evangelhos cristãos.

João Batista Costa Gonçalves. Formado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também conclui mestrado e doutorado em Linguística e onde atualmente realizo Estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL). Sou professor adjunto L na Universidade Estadual do Ceará (UECE) do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) em que oriento pesquisas em nível de mestrado e doutorado em torno do pensamento teórico do Círculo Bakhtiniano na análise de diferentes discursos.

Maria Aparecida Montenegro (UFC) – Coordenadora

Sócrates e Tersites: os feios de Platão e Homero

Pretendo mostrar que é possível traçar um paralelo entre dois dos mais célebres feios da Antiguidade grega, a saber, o Sócrates Platônico e Tersites, o guerreiro aqueu da *Ilíada* totalmente avesso ao perfil do *kalós aner* imortalizado por Homero e fundador do ideal do *kalós kagathós*, alimentado na posteridade (de Heródoto a Aristóteles). O aspecto que pretendo explorar é a compleição física explicitamente desvantajada de ambos os personagens, em franco contraste com a veracidade de suas falas.

Maria Aparecida Montenegro é doutora em Filosofia pela UNICAMP (1999), estágio pós-doutoral em Filosofia Antiga na University of Notre Dame (2003-2004) e pós-doutorado em Filosofia na Università degli Studi di Milano (2011). É professora da Universidade Federal do Ceará, onde trabalha desde 2001. Atualmente é coordenadora do GT de Filosofia Antiga junto à ANPOF, membro da diretoria da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC e tutora do PET - Filosofia. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Antiga, Filosofia da Linguagem, Filosofia e Literatura, Filosofia da Mente, Filosofia da

Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: Platão, conhecimento e linguagem, Wittgenstein, Freud.

Dia 23 de agosto (quinta-feira)

Auditório José Albano – Centro de Humanidades

10h às 12h – Minicurso

14h – 16h Mesa-Redonda “Recepção do feio e do torpe”

Diana Junkes Bueno Martha (UFSCar)

“A musa não medusa”: desejo e poesia em cabelos de serpente

O objetivo desta comunicação é propor alguns pontos para a reflexão acerca da leitura contemporânea do mito de Medusa. Para tanto, parte-se do poema “A musa não medusa”, de Haroldo de Campos, publicado no livro póstumo Entremilênios. Do belo ao aterrorizante, as metamorfoses de que trata o mito permitem pensar, também, na travessia do desejo ao gozo, no que singulariza o feminino, a partir de Freud e Lacan, e no que dele emana, para cada um de nós, em nossa beleza, em nossa monstruosidade cotidiana.

Diana Junkes Bueno Martha é doutora em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Foi Visiting Scholar das Universidades de Illinois (EUA/2010) e Yale (EUA/2012). Em 2011-2012 realizou pós-doutorado na USP sobre as relações entre literatura, psicanálise e análise do discurso. É professora de literatura brasileira na UFSCar, na graduação e na pós-graduação; nesta universidade, também coordena o Grupo de Estudos de Poesia e Cultura – GEPOC-CNPq e o programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura.

Claudicélio Rodrigues da Silva (UFC)

A Fala e o Falo do Deus: o feio como culto na priapeia greco-latina

O culto a Priapo, o deus da fertilidade, cuja retidão se dá no descalabro com que, ora em seu nome, ora em sua voz, se adverte o leitor sobre uma certa punição a quem ousar tocar no alheio, ou infringir uma ordem, seja ela natural ou social: ser possuído pelo falo do deus como castigo. O falicismo, o discurso do jocoso e do obsceno e as ameaças dos poemas priapeus greco-latinos do período que compreende o século III a.C. ao século VI d.C. serão expostos a partir do seguinte questionamento: como um deus menor pode constituir um discurso maior de preservação da vida? De que modo o feio e o torpe se singularizam e se tornam um oximoro, portanto uma carga semântica de beleza (essência do discurso) pela feiura (aparência do significante-significado)?

Claudicélio Rodrigues da Silva é mestre em teoria da literatura pela UFF e doutor em Poética pela UFRJ. Professor adjunto de Literatura Brasileira na UFC, pesquisa o erotismo no sagrado em autores brasileiros modernos e contemporâneos e coordena o GELE (Grupo de Estudos a Língua de Eros).

Yuri Brunello (UFC) – Coordenador

Botelho, Eco e a "nova Grécia"

Música do Parnasso é uma coletânea lírica publicada em 1705 por Manuel Botelho de Oliveira. Falando da Itália moderna, Botelho caracteriza-a - na sua dedicatória de abertura - como uma Grécia renovada: "Transformou-se a Itália em uma nova Grécia". Nessa "nova Grécia" encontra um espaço privilegiado, um dado extremamente relevante em época moderna, um elemento, como explica Umberto Eco, destinado a adquirir um peso sempre maior: a feiura.

Yuri Brunello é professor adjunto de Literatura italiana da Universidade Federal do Ceará. Foi professor temporário da Universidade Federal do Paraná e visiting scholar na Stanford University (EUA) e na Concordia University de Montreal (Canada). Seus escritos sobre o romantismo, o barroco, o modernismo e a literatura italiana contemporânea foram publicados em revistas acadêmicas internacionais, como o "Journal of Modern Italian Studies", "Studi Secenteschi", "La Rassegna della Letteratura Italiana" e os "Nouveaux Cahiers François Mauriac".

16h-18h Mesa-Redonda "Diacronias do feio e do torpe "

Josenir Alcântara de Oliveira (UFC)

O "Feio" entre o Concreto e o Abstrato: Um Exame Etimológico, Semântico e Intercultural.

Esta palestra, intitulada O 'feio' entre o concreto e o abstrato: Um exame etimológico, semântico e intercultural, tem por objetivo resgatar propositivamente a motivação etimológico-semântica da abstração em torno do termo 'feio', em algumas línguas de algumas culturas. Para atingir tal objetivo, estriba-se na Filologia, entendida em seu sentido mais amplo, proposto por BASSETTO (2001: 37), para quem ela é "a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura."

Josenir Alcântara é Professor Associado de Língua Latina e Filologia Românica, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Sua titulação é Mestre em Filologia Românica e Doutor em Filologia e Língua Portuguesa, ambos os títulos pela Universidade de São Paulo (USP).

José Alves da Rocha Filho (UECE)

O feio e o torpe na Antiguidade e na recepção

O Feio e o Torpe na Antiguidade e na Recepção será desenvolvido considerando os aspectos conceituais de Feio e de Torpe, iniciando pela visão etimológica nas diversas línguas mais conhecidas, além de relacionar os conjuntos sistemáticos de opiniões e ideias sobre o Feio e o Torpe, os diversos sistemas teóricos em que foram desenvolvidos, enfatizando os mais variados autores que desenvolveram o tema em foco.

José Alves da Rocha Filho, nascido em 20/05/1949, devo minha formação escolar e educacional ao Colégio Cearense numa convivência de 10 anos. Depois de seis anos da Faculdade de Medicina da UFC e de dois anos na Marinha (Escola de Aprendizagem Marinheiros), onde iniciei minha profissão de médico e professor, passei desde então a desempenhar as funções de médico e professor. Pediatra por formação e professor por opção, concluí o Curso de Letras da UECE, onde lecionei as disciplinas de Grego Clássico, Grego Moderno e Mitologia Grega. Membro efetivo da SOBAMES (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores) e membro fundador da ACEMES (Academia Cearense de Médicos Escritores).

Pauliane Targino da Silva Bruno (UECE/UFC) – Coordenadora

O *turpis* na *Pharsalia* de Lucano

O presente trabalho pretende apresentar a noção do *turpis* filosófico no poema épico *Pharsalia* de Lucano. O *turpis* é considerado o sumo mal para a filosofia estoica contrapondo-se ao sumo bem, *honestum*. Considerando a abordagem sobre o *turpis* de Cícero no livro 2 do *De finibus bonorum et malorum*, pretende-se mostrar como Lucano usa o mencionado conceito filosófico no seu poema. Na *Pharsalia*, o termo *turpis* aparece dez vezes e cada um desses registros serão analisados, na tentativa de justificar o uso do termo mediante o contexto narrativo e poético.

Pauliane Targino da Silva Bruno. Professora Assistente de Latim da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e doutoranda em Letras na área de Literatura Latina pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui mestrado em Letras na área de Literatura Latina e Grega, Especialização em Estudos Clássicos e graduação em Letras Português pela UFC. Tem experiência na área de Letras com ênfase em Língua Latina e Literatura Latina. Atualmente pesquisa sobre a poesia de Lucano e as questões divinatórias na Roma Antiga.

Dia 24 de junho (sexta-feira)

Auditório José Albano do Centro de Humanidades

10h-12h - Minicurso

14h - 16h Mesa-Redonda "O feio e o torpe na cidade"

Roberto Arruda de Oliveira (UFC)

Roma antiga: becos e ruelas fétidos

Os autores latinos nos deixaram preciosas informações acerca de seu tempo, das ruas estreitas e imundas por onde circulavam mendigos, prostitutas, ladrões, comerciantes, parasitas, políticos, crianças maltrapilhas e chorosos, etc. Murmúrio, gritos, nada parece conter esse rumor confuso que, durante todo o dia, eleva-se das ruas e se mistura ao odor das linguças, aos sons dos pratos e talheres, às cantorias desafinadas de bêbados. Roma é, antes de tudo, um barulho, um contraste entre a extrema pobreza e a ostentação insolente do luxo.

Roberto Arruda de Oliveira. Professor associado da Universidade Federal do Ceará onde ministra língua e literatura latina. Concluiu mestrado com dissertação sobre a Bucólica IV de Virgílio e doutorado com tese sobre a poesia de Propércio.

Silvia M. A. Siqueira (UECE - MAHIS)

O rito do *Pharmakós*: a feiura como símbolo do mal e a purificação da comunidade.

Pretende-se discorrer sobre a feiura como forma de purificação. Em Atenas, durante as festas Thargélias, acontecia um ritual largamente difuso chamado *pharmakós*, quando eram escolhidas duas pessoas feias e com aspecto repugnante, um homem e uma mulher, ambos eram expulsos da cidade sob chicotadas e xingamentos. Assim escolhendo a deformidade física com representação do mal a comunidade, por meio desse rito, apacava o medo de contaminação da cidade.

Silvia M. A. Siqueira - UECE - MAHIS - Ensina na Universidade Estadual do Ceará na Graduação e no Mestrado Acadêmico (MAHIS), lidera o grupo de pesquisa "Cultura Escrita e Oralidade na antiguidade e medievo" (ARCHEA). Seus estudos tratam predominantemente das mulheres no mundo greco-romano, especialmente no rico e multifacetado ambiente religioso.

Ana Maria César Pompeu (UFC) – Coordenadora

O feio e o torpe na cidade aristofânica

A comédia antiga se disfarçava de tragédia para supostamente adquirir a mesma dignidade do gênero sério ao seu discurso como cidade justa. Ela se apresenta

como nuvens que imitam o que viram por último exagerando nos traços mais feios; aparece também como besouro comedor de fezes que se alça ao Olimpo para resgatar a deusa Paz das garras do deus Guerra. E o herói cômico monta o besouro fétido, promove a paz aos gregos e é vencedor da disputa do mais feio e torpe para governar Atenas, fazendo-a retornar aos dias de glória.

Ana Maria César Pompeu é doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2004). Fez um estágio pós-doutoral na Universidade de Coimbra, em Portugal (2010). Atualmente, é Professora Associada da Universidade Federal do Ceará. Atua nos Programas de Pós-graduação em Letras (PPGLEtras) e em Estudos da Tradução (POET). Publicou *Aristófanés e Platão: a justiça na pólis* (2011), *Dioniso matuto: uma abordagem antropológica do riso na tradução de Acarnenses de Aristófanés para o cearensês* (2014) e traduziu, de Aristófanés, *Lisístrata* (1998; 2010) e *Tesmoforiantes* (2015).

16h - Conferência de Encerramento

Conferencista: Fernando Santoro (UFRJ)

“Risos de Cólera”

A comédia é uma imitação mais verdadeira, enquanto a tragédia é mais comovente; isso porque esta exprime homens melhores e como gostaríamos de ser, ao passo que aquela, piores e como gostaríamos de não ser; ora, o que gostaríamos de ser ainda não somos e nos move mais do que o que gostaríamos de não ser, mas já somos. Prova disto é que da tragédia saímos motivados para ações elevadas e da comédia saímos envergonhados, e a vergonha é um reconhecimento. Personagens da comédia e seu efeito sobre os espectadores.

Fernando José de Santoro Moreira concluiu o doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1998. Realizou um pós-doutorado em Filosofia na Universidade de Paris IV em 2000 e um estágio sênior na École Normale Supérieure e na Universidade de Paris IV em 2010-11. Foi professor visitante na École Normale Supérieure de Paris nos anos acadêmicos de 2010/11 e 2013. Secretário Geral da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos no biênio 2010/11. Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Diretor de Programa no Collège International de Philosophie. Dirige o Laboratório OUSIA de Estudos em Filosofia Clássica e integra o GdRI "Philosopher en Langues. Comparatisme et traduction".

Coordenador: Ana Maria César Pompeu (UFC)

17h30 - Solenidade de Encerramento

25 de junho (sábado)

Bosque Moreira Campos

08h às 12h

Dionísias matutas: festival de esquetes de paródias matutas do teatro clássico

Sessão de banners sobre o tema do evento e as festas juninas.

12h Confraternização Junina.

Apoio: PPGLetras: Capes/Funcap; CNPq/Universal; Fundação Onassis, POET.

